

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2016
Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © 2015 por Kiera Cass
Todos os direitos reservados
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito, exceto no caso de breves citações incluídas em artigos críticos e resenhas.

Título original: *The Heir*
Título: *A Hendeira*
Autora: Kiera Cass
Tradução: Alexandra Cardoso
Revisão: Paula Caetano
Paginação: Maria João Gomes
Arte de capa original: Gustavo Marx/Mergeleft Repts, Inc.
Design de capa original: Sarah Hoy
Arranjo de capa: Vera Braga/Marcador
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-238-1
Depósito legal: 409 084/16

1.^a edição: junho de 2016

Capítulo 1

Eu não conseguia sustentar a respiração durante 7 minutos. Nem sequer conseguia aguentar durante um minuto. Uma vez, tentei correr os 1 500 m em 7 minutos, depois de ouvir dizer que alguns atletas conseguiam fazê-lo em 4, mas falhei espetacularmente quando uma dor lateral na barriga me deitou abaixo a meio do caminho.

Contudo, houve uma coisa que consegui fazer em 7 minutos, e que muitos diriam ser bastante impressionante: tornei-me rainha.

Por 7 míseros minutos, venci o meu irmão Ahren na chegada a este mundo e, portanto, o trono que deveria ter sido dele era meu. Se eu tivesse nascido uma geração antes, isso não teria feito diferença. O Ahren era homem e, como tal, teria sido o herdeiro.

Infelizmente, a mãe e o pai não conseguiram suportar ver a sua primogénita ser despojada de um título, devido a um infeliz, mas bastante atraente, par de seios. Consequentemente, mudaram a lei, as pessoas exultaram e eu fui educada, dia após dia, para ser a próxima governante de Illéa.

O que eles não perceberam foi que as suas tentativas de tornarem a minha vida mais justa, me pareciam bastante *injustas*.

Tentava não me queixar. Afinal, sabia que era imensamente afortunada. Mas havia dias, e às vezes até meses, em que sentia

que tinha demasiadas coisas sobre os meus ombros, demasiadas para uma pessoa só.

Folheei o jornal e vi que houvera mais um tumulto, desta vez em Zuni. Há vinte anos, o primeiro ato do pai, enquanto rei, fora dissolver as castas, e o velho sistema fora lentamente eliminado durante a minha vida. Eu ainda achava completamente bizarro que, em tempos, as pessoas vivessem tendo às costas esses rótulos limitadores e arbitrários. A mãe era uma Cinco; o pai era Um. Não fazia sentido, principalmente porque não existia qualquer sinal exterior das divisões. Como é que eu poderia saber se estava a andar ao lado de um Seis ou de um Três? E porque é que isso importava sequer?

Quando o pai decretara inicialmente que as castas estavam extintas, as pessoas por todo o país haviam ficado encantadas. O pai esperara que as mudanças que estava a fazer em Illéa se estabelecessem confortavelmente ao longo de uma geração, o que significava que a qualquer momento tudo entraria nos eixos.

Isso não estava a acontecer – e este novo tumulto era apenas o mais recente numa sequência de sobressaltos.

– Café, Vossa Alteza – disse a Neena, colocando a bebida na minha mesa.

– Obrigada. Pode retirar os pratos.

Li o artigo. Desta vez, um restaurante fora incendiado porque o seu dono se recusara a promover um empregado de mesa à posição de *chef*. O empregado afirmava que lhe fora prometida uma promoção, mas que esta nunca se concretizara, e ele tinha a certeza de que era por causa do passado da sua família.

Olhando para os restos carbonizados do edifício, eu não sabia de que lado estava. O dono tinha o direito de promover ou despedir quem quisesse e o empregado tinha o direito de não ser visto como algo que, tecnicamente, já não existia.

Afastei o jornal e peguei na minha bebida. O pai iria ficar preocupado. Tinha a certeza de que já estaria a analisar a situação vezes sem conta na sua cabeça, tentando descobrir como resolver tudo. A questão era que, mesmo que conseguíssemos solucionar um problema, não poderíamos impedir todas as situações de

discriminação pós-castas. Eram demasiadas e aconteciam com demasiada frequência.

Pousei o café na mesa e dirigi-me ao meu roupeiro. Era altura de começar o dia.

– Neena – chamei. – Sabe onde está aquele vestido cor de ameixa? Aquele com a faixa?

Ela franziu os olhos, concentrando-se, enquanto se aproximava para me ajudar.

No esquema geral das coisas, a Neena era nova no palácio. Só estava a trabalhar comigo há seis meses, depois de a minha aia anterior ter ficado doente durante duas semanas. A Neena estava bastante sintonizada com as minhas necessidades e era uma companhia muito mais agradável, portanto mantive-a. Também admirava o seu bom gosto em termos de moda.

A Neena ficou a olhar para aquele enorme espaço:

– Talvez devêssemos reorganizar.

– Pode fazê-lo, se tiver tempo. Não é um projeto no qual eu esteja interessada.

– Não quando eu posso procurar as roupas por si – gracejou ela.

– Exatamente!

Ela aceitou o meu humor com descontração, rindo-se enquanto vasculhava rapidamente por entre vestidos e calças.

– Gosto do seu cabelo hoje – comentei.

– Obrigada. – Todas as aias usavam toucas, mas, ainda assim, a Neena era criativa com os seus penteados. Às vezes, alguns caracóis negros e espessos emolduravam-lhe a face, e outras, ela enrolava as madeixas para trás, até ficarem todas bem escondidas. Neste momento, trazia umas tranças grossas a rodear-lhe a cabeça, enquanto o resto do cabelo ficava por baixo da touca. Eu apreciava o facto de ela encontrar formas de mudar o seu uniforme, dando-lhe todos os dias um toque pessoal.

– Ah! Está aqui atrás. – A Neena retirou o vestido pelo joelho, estendendo-o sobre a pele escura do seu braço.

– Perfeito! E sabe onde está o meu *blazer* cinzento? Aquele que tem mangas a três quartos?

Ela olhou para mim com uma expressão impassível:

– Vou mesmo fazer uma reorganização.

Soltei uma risadinha:

– Você procura; eu visto.

Vesti-me e escovei o cabelo, preparando-me para mais um dia como o futuro rosto da monarquia. A roupa era suficientemente feminina para me dar um ar suave, mas suficientemente forte para que eu fosse levada a sério. Era um equilíbrio difícil de manter, mas eu fazia-o todos os dias.

Olhando para o espelho, falei para o meu reflexo:

– És a Eadlyn Schreave. És a próxima pessoa na linha de sucessão para governar este país e serás a primeira mulher a fazê-lo sozinha. Ninguém – disse eu – é tão poderoso como tu.

O pai já estava no seu gabinete, de sobrolho franzido enquanto se inteirava das notícias. Exceto nos olhos, não me parecia muito com ele. Nem com a mãe, já agora.

Com o meu cabelo escuro, rosto oval e um toque de bronzeado que se mantinha o ano inteiro, parecia-me mais com a minha avó. Havia um retrato dela, no dia da sua coroação, pendurado no corredor do quarto andar e eu costumava estudá-lo quando era mais nova, tentando adivinhar qual seria o meu aspeto à medida que crescesse. A idade dela no retrato era próxima da minha agora e, embora não fôssemos idênticas, às vezes sentia-me como o eco dela.

Atravessei a sala e dei um beijo no rosto do meu pai:

– Bom dia.

– Bom dia. Viste os jornais? – perguntou ele.

– Sim. Pelo menos, ninguém morreu desta vez.

– Graças a Deus. – Esses eram os piores, aqueles em que as pessoas eram deixadas mortas na rua ou desapareciam. Era terrível ler os nomes de homens jovens, que haviam sido espancados simplesmente por se terem mudado com as famílias para um bairro melhor, ou de mulheres que eram atacadas por tentarem obter um emprego que, no passado, não estaria disponível para elas.

Às vezes, não se demorava nada a descobrir qual era o motivo nem a pessoa por detrás destes crimes, mas na maior parte dos casos deparávamo-nos com muitas acusações e nenhuma resposta concretas. Era algo que eu achava esgotante e sabia que era pior para o pai.

– Não compreendo. – Ele tirou os óculos de leitura e esfregou os olhos. – Eles não queriam as castas. Nós demorámos o tempo que foi preciso e eliminámo-las devagar, para que todas as pessoas pudessem adaptar-se. Agora andam a queimar edifícios.

– Há alguma forma de se regulamentar isto? Poderíamos criar uma comissão para supervisionar as queixas? – Olhei novamente para a fotografia. No canto, o jovem filho do dono do restaurante chorava por ter perdido tudo. Bem no fundo, eu sabia que as queixas chegariam mais depressa do que alguém conseguiria resolvê-las, mas também sabia que o pai não suportava não fazer nada.

O pai olhou para mim:

– Era isso o que farias?

Sorri:

– Não, perguntaria ao meu pai o que ele faria.

Ele suspirou:

– Isso não vai ser sempre uma opção, Eadlyn. Tens de ser forte, determinada. Como é que resolverias este incidente específico?

Pensei sobre o assunto:

– Acho que não podemos. Não há nenhuma forma de se provar que as antigas castas foram a razão pela qual o empregado não obteve a promoção. A única coisa que podemos fazer é iniciar uma investigação sobre quem provocou o incêndio. Aquela família perdeu o seu ganha-pão hoje e alguém tem de ser responsabilizado. Não é com fogo posto que se faz justiça.

Ele abanou a cabeça para o jornal:

– Acho que tens razão. Gostaria de poder ajudá-los, mas, mais do que isso, temos de descobrir como evitar que aconteça novamente. A situação está a ficar descontrolada, Eadlyn, e isso é assustador.

O pai atirou o papel para o lixo e depois levantou-se, aproximando-se da janela. Eu conseguia ver o stress na sua postura.

Às vezes, o seu cargo dava-lhe muita alegria, como quando visitava as escolas que trabalhara incansavelmente para melhorar ou quando via as comunidades florescerem na era livre de guerras que promovera. Mas essas situações estavam a tornar-se cada vez menos frequentes. Na maior parte dos dias, andava ansioso em relação ao estado do país e tinha de fingir um sorriso quando os repórteres apareciam, esperando que a sua calma se transmitisse, de alguma forma, a toda a gente. A mãe ajudava a partilhar o fardo, mas, no fim de contas, o destino do país estava completamente assente nos ombros dele. Um dia, estaria nos meus.

Apesar de ser vaidade, eu tinha receio de ficar grisalha antes de tempo.

– Toma nota por mim, Eadlyn. Lembra-me de escrever ao Governador Harpen, em Zuni. Oh, e especifica que é para escrever ao Joshua Harpen e não ao pai dele. Estou sempre a esquecer-me de que foi ele quem concorreu nas últimas eleições.

Escrevi as instruções na minha caligrafia elegante, pensando em o quão satisfeito o pai se sentiria quando olhasse para ela mais tarde. Costumava chatear-me imenso por causa da minha letra.

Estava a sorrir para mim mesma quando olhei de novo para ele, mas o meu sorriso esmoreceu quase imediatamente quando o vi esfregar a testa, tentando desesperadamente arranjar uma solução para estes problemas.

– Pai?

Ele virou-se e endireitou instintivamente os ombros, como se precisasse de parecer forte mesmo diante de mim.

– Por que razão achas que isto está a acontecer? Nem sempre foi assim.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– Não foi mesmo – disse quase para si próprio. – No início, todas as pessoas pareciam satisfeitas. Sempre que abolíamos uma nova casta, havia festas. Foi só nos últimos anos, depois de todos os rótulos terem sido oficialmente apagados, que as coisas se desmoronaram.

Olhou pela janela.

– A única coisa em que consigo pensar é que aqueles que cresceram com as castas têm noção de que as coisas estão muito melhores. Comparativamente, é mais fácil casar ou trabalhar. As finanças de uma família não estão limitadas a uma única profissão. Há mais escolhas quando se trata de educação. Mas aqueles que estão a crescer sem as castas e ainda se deparam com obstáculos... Acho que não sabem mais o que fazer.

Olhou para mim e encolheu os ombros.

– Preciso de tempo – murmurou. – Preciso de uma forma de pôr as coisas em pausa, corrigi-las e pô-las a andar novamente.

Notei a ruga profunda no seu sobrolho:

– Pai, acho que isso não é possível.

Ele soltou uma risada:

– Já o fizemos antes. Lembro-me de que...

O foco dos seus olhos mudou. Observou-me por um instante, parecendo estar a colocar uma pergunta sem palavras.

– Pai?

– Sim.

– Estás bem?

Ele pestanejou algumas vezes.

– Sim, querida, muito bem. Porque não comesças a trabalhar nestes cortes orçamentais? Podemos rever as tuas ideias esta tarde. Preciso de falar com a tua mãe.

– Claro. – A matemática não era algo que me saísse naturalmente, portanto eu tinha de trabalhar a dobrar em qualquer proposta de cortes orçamentais ou nos planos financeiros. Mas recusava liminarmente ter um dos conselheiros do pai atrás de mim com uma calculadora para resolver os meus erros. Mesmo que tivesse de ficar acordada a noite toda, verificava sempre se o meu trabalho estava correto.

Claro que o Ahren era naturalmente bom em matemática, mas ele nunca era forçado a assistir a reuniões sobre orçamentos, planeamento urbano ou cuidados de saúde. Safara-se por causa de 7 minutos estúpidos.

O pai deu-me uma palmadinha nos ombros antes de se apressar a sair da sala. Demorei mais tempo do que o habitual a concentrar-me nos números. Não conseguia deixar de me sentir desconcentrada pela expressão no rosto dele e pela certeza inconfundível de que tinha a ver comigo.

Capítulo 2

Depois de trabalhar no relatório orçamental durante algumas horas, decidi que precisava de uma pausa e retirei-me para o meu quarto para receber uma massagem da Neena. Adorava aqueles momentos de luxo durante o meu dia. Os vestidos eram feitos exactamente à minha medida, sobremesas exóticas chegavam de avião simplesmente porque era quinta-feira e havia um fornecimento interminável de coisas belas; tudo isso eram vantagens e essas eram, de longe, as minhas partes favoritas da função.

O meu quarto dava para os jardins. À medida que o dia avançava, a luz mudou para um tom de mel quente, iluminando as paredes altas. Concentrei-me no calor e nos dedos hábeis da Neena.

– Seja como for, a cara dele ficou esquisita. Foi como se tivesse desaparecido por um instante.

Estava a tentar explicar a saída pouco característica do pai, esta manhã, mas era difícil de descrever. Nem sequer sabia se ele encontrara a mãe ou não, já que não regressara ao gabinete.

– Acha que ele está doente? Parece de facto cansado, ultimamente. – As mãos da Neena faziam magia enquanto ela falava.

– Parece? – perguntei, pensando que o pai não parecia exactamente cansado. – Está provavelmente apenas cheio de stress. É impossível não o estar com todas as decisões que tem de tomar.

– E um dia será a princesa – comentou ela, num tom que era uma mistura de preocupação genuína e diversão brincalhona.

– O que significa que terá de dar-me o dobro das massagens.

– Olhe que não sei – disse ela. – Acho que, daqui a alguns anos, poderei querer experimentar algo de novo.

Fiz uma careta:

– Que outra coisa faria? Não há muitos empregos melhores do que trabalhar no palácio.

Alguém bateu à porta e ela não teve oportunidade de responder à pergunta.

Levantei-me, voltando a vestir o meu *blazer* para ficar apresentável, e fiz sinal à Neena para deixar entrar os meus visitantes.

A mãe entrou, a sorrir, com o pai satisfeito a segui-la. Não pude deixar de reparar que era sempre assim. Em eventos de estado ou jantares importantes, a mãe ficava ao lado do pai ou logo atrás dele. Mas quando eram apenas marido e mulher – e não rei e rainha –, ele seguia-a para todo o lado.

– Olá, mãe. – Aproximei-me e dei-lhe um abraço.

A mãe afastou-me o cabelo para trás da orelha, sorrindo-me:

– Gosto deste estilo.

Dei orgulhosamente um passo atrás e alisei o vestido com as mãos.

– As pulseiras realçam-no mesmo, não achas?

Ela riu-se:

– Excelente atenção aos pormenores.

De vez em quando, a mãe deixava-me escolher as joias ou os sapatos por ela, mas era raro. Ela não achava tanta piada a essas coisas como eu e não contava tanto com extras para realçar a sua beleza. No caso dela, não precisava. E eu gostava do facto de ela ser clássica.

A mãe virou-se e tocou no ombro da Neena:

– Pode retirar-se – disse com suavidade.

A Neena fez imediatamente uma vénia e deixou-nos a sós.

– Passa-se alguma coisa? – perguntei.

– Não, querida. Apenas queremos falar em privado. – O pai estendeu a mão e conduziu-nos para a mesa. – Temos uma oportunidade sobre a qual queremos falar contigo.

– Oportunidade? Vamos viajar? – Eu adorava viajar. – Por favor, digam-me que vamos finalmente fazer uma viagem à praia. Podemos ir apenas nós os seis?

– Não exatamente. Não se tratar de irmos viajar, mas de recebermos hóspedes. – explicou a mãe.

– Oh! Visitas! Quem é que vem?

Eles trocaram um olhar e a mãe continuou a falar:

– Sabes que as coisas estão um pouco instáveis neste momento. As pessoas estão inquietas e infelizes, e não conseguimos descobrir como aliviar a tensão.

Suspirei:

– Eu sei.

– Estamos à procura de uma maneira de elevar o moral – acrescentou o pai.

Animei-me. Elevar o moral envolvia normalmente uma celebração. E eu estava sempre pronta para uma festa.

– Em que é que estavam a pensar? – Comecei a desenhar um vestido novo na minha cabeça e afastei quase imediatamente a ideia. Não era isso que exigia a minha atenção no momento.

– Bem – começou o pai –, o público responde melhor a algo de positivo relacionado com a nossa família. Quando a tua mãe e eu casámos, foi uma das melhores épocas do nosso país. E lembraste de como as pessoas fizeram festas na rua, quando descobriram que o Osten vinha a caminho?

Sorri. Eu tinha 8 anos quando o Osten nasceu e nunca iria esquecer-me de como as pessoas ficaram entusiasmadas apenas com a notícia. No meu quarto, ouvia-se música a tocar praticamente até de madrugada.

– Foi maravilhoso.

– Pois foi. E agora as pessoas olham para ti. Não vai demorar muito a seres rainha. – O pai fez uma pausa. – Pensámos que talvez quisesses fazer algo publicamente, algo que fosse empolgante para as pessoas, mas que também pudesse beneficiar-te bastante.

Semicerrei os olhos, sem perceber bem o rumo que a conversa estava a tomar:

– Estou a ouvir.

A mãe pigarreou.

– Sabes que, no passado, as princesas casavam com príncipes de outros países para solidificar as nossas relações internacionais.

– Ouvi bem o uso do verbo no passado aí, certo?

Ela riu-se, mas eu não estava a achar graça:

– Sim.

– Ótimo. Porque o Príncipe Nathaniel parece um zombie, o Príncipe Hector dança como um zombie e se o príncipe da Federação Alemã não aprender a adotar hábitos de higiene pessoal até à festa de Natal, não deve ser convidado.

A mãe esfregou a cabeça, frustrada:

– Eadlyn, foste sempre tão picuinhas.

O pai encolheu os ombros.

– Talvez isso não seja mau – disse, recebendo um olhar de aviso da mãe.

Franzi o sobrolho:

– De que raio é que estão a falar?

– Tu sabes como a tua mãe e eu nos conhecemos – começou o pai.

Revirei os olhos:

– Toda a gente sabe. Vocês os dois são praticamente um conto de fadas.

Ao dizer estas palavras, os olhos deles suavizaram-se e sorrisos tomaram conta dos seus rostos. Os corpos deles pareceram inclinar-se ligeiramente em direção um ao outro e o pai mordeu o lábio enquanto olhava para a mãe.

– Por favor! Primogénita presente, importam-se?

A mãe corou e o pai pigarreou e continuou:

– O processo da Seleção foi um grande sucesso para nós. Embora os meus pais tivessem tido os seus problemas, também resultou bem para eles. Portanto... tínhamos esperança... – Ele hesitou e encontrou o meu olhar.

Eu era lenta a apanhar as insinuações deles. Sabia o que a Seleção era, mas nunca, nem sequer uma vez, isso fora sugerido como uma opção para nenhum de nós, muito menos para mim.

– Não.

A mãe ergueu as mãos, avisando-me:

– Ouve apenas...

– Uma Seleção? – explodi. – Isso é loucura!

– Eadlyn, estás a ser irracional.

Lancei-lhe um olhar furioso:

– Vocês prometeram, *prometeram*, que nunca me forçariam a casar com alguém em troca de uma aliança. Como é que isto é melhor?

– Ouve-nos até ao fim – insistiu ela.

– Não! – gritei. – Não o faço.

– Acalma-te, amor.

– Não fales assim comigo. Não sou uma criança!

A mãe suspirou:

– Estás, sem dúvida, a agir como tal.

– Estão a arruinar a minha vida! – Passei os dedos pelo cabelo e respirei fundo várias vezes, esperando que isso me ajudasse a pensar. Isto não podia acontecer. Não a mim.

– É uma ótima oportunidade – insistiu o pai.

– Estão a tentar acorrentar-me a um estranho!

– Eu disse-te que ela iria ser teimosa – murmurou a mãe ao pai.

– A quem é que ela sairá? – atirou-lhe ele, com um sorriso.

– Não falem sobre mim como se eu não estivesse presente!

– Desculpa – disse o pai. – Apenas queremos que penses nisto.

– E o Ahren? Não pode ser ele a fazê-lo?

– O Ahren não é o futuro rei. Além disso, ele tem a Camille.

A princesa Camille era a herdeira do trono de França e, alguns anos antes, conseguira conquistar o coração do Ahren com um simples piscar de olhos.

– Então, obriguem-nos a casarem-se! – implorei eu.

– A Camille será rainha quando for a sua altura e ela, tal como tu, vai ter de pedir ao seu companheiro que se case com ela. Se a escolha fosse do Ahren, pensaríamos nisso, mas não é.

– E o Kaden? Não pode ser ele a fazê-lo?

A mãe soltou uma gargalhada sem humor:

– Ele tem 14 anos! Não temos tanto tempo. As pessoas precisam de se entusiasmar com algo agora. – Semicerrou os olhos para mim. – E, sinceramente, não será altura de procurares alguém que possa governar contigo?

O pai assentiu:

– É verdade. Não é um cargo que deva ser enfrentado a sós.

– Mas eu não quero casar-me – implorei. – Por favor, não me obriguem a fazer isso. Só tenho 18 anos.

– E essa é a idade que eu tinha quando casei com o teu pai – declarou a mãe.

– Não estou pronta – insisti. – Não quero um marido. Por favor, não me façam isso.

A mãe estendeu a mão sobre a mesa e agarrou na minha.

– Ninguém irá fazer-te nada. Tu estarias a fazer algo pelo teu povo. Estarias a oferecer-lhes algo.

– Queres dizer fingir um sorriso, quando prefiro chorar?

Ela franziu o sobrolho por um instante:

– Isso sempre fez parte do nosso trabalho.

Fitei-a, exigindo silenciosamente uma resposta melhor.

– Eadlyn, porque não tiras algum tempo para pensar nisto? – disse o pai calmamente. – Sei que estamos a pedir-te uma coisa muito importante.

– Isso significa que tenho escolha?

O pai inspirou profundamente, pensativo:

– Bem, amor, na realidade terás 35 escolhas.

Dei um salto da cadeira, apontando para a porta.

– Saiam! – exigi. – Saiam daqui!

Sem mais uma palavra, eles deixaram o meu quarto.

Será que não sabiam quem eu era, para o que me tinham educado? Eu era a Eadlyn Schreave. Ninguém era mais poderoso do que eu.

Portanto, se achavam que iria ceder sem dar luta, estavam tristemente enganados.